

A CRISE SEM FRONTEIRAS Presidente diz que Malan anunciará novas medidas na segunda-feira e critica os deputados que se opõem

FH promete um ajuste fiscal mais duro

MARCELO NINIO
Enviado especial

CARTAGENA DAS ÍNDIAS, COLÔMBIA – O presidente Fernando Henrique Cardoso reiterou ontem a necessidade de uma reforma fiscal severa e disse que o ministro da Fazenda, Pedro Malan, deve anunciar medidas neste sentido na próxima segunda-feira. “Que não se tenha ilusões: nós precisamos de um ajuste fiscal mais duro e este ajuste virá”, afirmou o presidente durante entrevista coletiva conjunta com o presidente da Colômbia, Ernesto Samper.

Embora se negando a revelar detalhes do pacote fiscal, o presidente confirmou que estão sendo consideradas medidas como o aumento de Imposto de Renda para pessoa jurídica e da CPMF. “Esses itens podem ter sido eventualmente citados, mas não foram aprovados por mim ainda”, esclareceu Fernando Henrique, que criticou os deputados que mostraram descontentamento com as intenções do governo. “Se na Comissão de Orçamento alguns deputados não querem cooperar, as realidades vão se impor. Os deputados que se opuserem são contra mim, são contra o governo”, queixou-se.

Em relação à crise mundial das bolsas de valores – motivo que levou o governo a aumentar os juros e a apressar a implementação do ajuste fiscal – o presidente admitiu que a oscilação dos mercados representa uma ameaça a projetos do governo, mas ressaltou que o governo está fazendo tudo para mostrar que tem “um rumo” e que está controlando seus gastos, numa tentativa de resgatar a confiança na economia. “Vamos tomar as medidas necessárias para evitar que haja uma perturba-

ção do projeto nacional. Quando existe um problema desta natureza não é o governo só que está em jogo, é o país que está em jogo”, advertiu o presidente.

Bola da vez – Confiante na capacidade do governo em evitar que a crise afete a estabilidade da economia, o presidente rechaçou a avaliação feita há duas semanas por uma corretora americana de que a especulação internacional tenha transformado o Brasil na bola da vez, à beira de um colapso como o que vitimou o México. “Eu pergunto: o Japão é a bola da vez? Os Estados Unidos são a bola da vez? No mercado como ele é hoje, é uma bola que corre a esmo, que pode cair na cabeça de qualquer país. Se vier para o Brasil nós temos que tirar. Nós somos bons de futebol”, brincou o presidente. “A gente cabeceia e a bola vai cair na cabeça de algum outro. Melhor que caia no Atlântico.”

Ainda assim, Fernando Henrique manifestou preocupação com a repercussão da crise das bolsas na economia brasileira e defendeu a criação de um instrumento de controle internacional que detenha quedas bruscas causadas por especuladores. No âmbito doméstico, o presidente pediu apoio ao governo. “Eu apelei várias vezes para uma compreensão nacional, porque pressentia que é um problema que pode alcançar negativamente, se persistir, o povo”, disse.

O presidente disse ainda que engana-se quem associa as medidas econômicas do governo a interesses eleitorais. Fernando Henrique afirmou que na elaboração do pacote fiscal “não há outra consideração” que o interesse da população. “A minha disposição é, reafirmo, de fazer tudo para garantir o real”, disse.

Cartagena das Índias, Colômbia - AP



Fernando Henrique garante que o Brasil não é a “bola da vez” e lembra que “somos bons de futebol”